

Vida religiosa feminina católica no tempo presente e fontes orais: um relato de experiência

Vinícius José Mira¹

Resumo: A experiência religiosa no tempo presente não se restringe somente ao âmbito cotidiano das práticas de profissão de fé e expressão de crenças. Ela também se expressa em outras dinâmicas do dia a dia. Muitas delas escapam às formas tradicionais de registro e representação escrita, sendo a oralidade o principal meio de interlocução e expressão. Essa dimensão oral se destaca na experiência religiosa contemporânea, fortemente ancorada na memória e em formas de expressão não letradas. Diante do exposto, o objetivo deste texto é refletir do ponto de vista metodológico e epistemológico a respeito dos desafios alusivos ao uso de entrevistas orais produzidas segundo a metodologia da História Oral. O relato de experiência contempla uma pesquisa a respeito da vida religiosa feminina em Santa Catarina no contexto da ditadura militar (1964-1985), por meio da análise e problematização da “Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville”, salvaguardada no acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville (LHO/UNIVILLE). Como resultado, o trabalho expõe o conjunto conceitual e teórico-metodológico adotado na análise das fontes orais, além de refletir sobre as implicações do uso de entrevistas orais, em diálogo com discussões já desenvolvidas por autores de referência no campo teórico e prático da História Oral.

Palavras-chave: História Oral; Vida religiosa feminina; Fontes orais.

Introdução

As reflexões expostas neste trabalho são produto da comunicação oral apresentada no XIII Encontro Regional Sul de História Oral – História Oral e a memória como urgência do tempo presente, no Simpósio Temático 10 – Religiões, religiosidades e fontes orais no tempo presente, realizado no mês de novembro de 2025, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O simpósio foi um espaço privilegiado de debate sobre a centralidade da experiência religiosa na contemporaneidade, a forma com que a memória atravessa a prática cotidiana da experiência religiosa e os desafios enfrentados pelo campo teórico-prático da História Oral no tempo presente. Como resultado, as reflexões desenvolvidas no evento aprimoraram este texto.

Os argumentos ora apresentados são produto de um conjunto de estudos e pesquisas concernindo a atuação de religiosas católicas no contexto da ditadura militar (1964-1985), por meio do uso de fontes orais produzidas por terceiros de acordo com a metodologia da História

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-UDESC). Bolsista CAPES. E-mail: viniciusmira1987@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8336670868498141>

Oral. Entre outras coisas, essas referidas pesquisas tiveram como resultado uma comunicação oral no V Seminário Internacional de História do Tempo Presente – Epistemologias do Sul (Mira, 2024a), um capítulo de uma dissertação de mestrado (Mira, 2024b) e uma comunicação oral no XVII Encontro Nacional de História Oral – Trajetórias, Movimentos e Perspectivas (Mira, 2024c). Este texto serve como fechamento para esse ciclo de estudos e pesquisas, ao passo que retoma e complexifica os argumentos já apresentados anteriormente.

Em particular, é interesse do texto desenvolver duas grandes reflexões. A primeira delas diz respeito às implicações do uso de entrevistas orais produzidas por terceiros sob os auspícios da metodologia da História Oral. O objeto é debater as possibilidades e potencialidades de tal escolha metodológica, inteirado das dificuldades e restrições atinentes.

Para tal, é relatada uma experiência de pesquisa de utilização de entrevistas orais salvaguardadas no acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville (LHO/UNIVILLE), na conjuntura de uma dissertação de mestrado em História que não realizou as suas próprias entrevistas orais, mas, em contrapartida, fez uso de entrevistas já existentes, produzidas por terceiros. De modo especial, foram manuseadas fontes orais produzidas dentro do marco do gênero narrativo de História Oral de vida, onde a entrevista se baseia na memória dos entrevistados e aborda pontos específicos da sua experiência.

A segunda das reflexões aponta para a atuação de religiosas católicas no contexto da ditadura militar (1964-1985). Busca-se responder às seguintes perguntas: quais estratégias as religiosas utilizaram para resistir à repressão e à perseguição? De que maneira as transformações ocorridas na Igreja Católica chegaram até elas e foram por elas incorporadas? E como aconteceu a transição da vida religiosa tradicional, ligada às congregações, para uma atuação religiosa mais ativa e inserida nos meios populares?

Para isso, é feito uso da coleção de entrevistas orais “Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville”, produzida pela historiadora Fernanda Mara Borba, sob a orientação da Profa. Dra. Janine Gomes da Silva, e preservada no acervo do LHO/UNIVILLE.

Este texto é resultado de estudos e pesquisas que contaram com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

O uso de entrevistas orais produzidas por terceiros

No tempo presente, as vivências religiosas não se restringem apenas às práticas cotidianas de relação com o sobrenatural, às profissões de fé, aos cultos à ancestralidade, às expressões de espiritualidade individuais e/ou coletivas e às manifestações de crença. Elas também permeiam (e são influenciadas por) diversos outros âmbitos da vida diária, como as esferas política, social, econômica e cultural, entre outras. Em muitos desses contextos, as formas tradicionais de registro escrito não conseguem captar plenamente o modo como a religiosidade é praticada. Em função disso, a oralidade se torna o meio privilegiado para dialogar com a experiência religiosa contemporânea, que é fortemente sustentada pela memória e por formas de expressão não escritas. Por conseguinte, é necessário refletir do ponto de vista teórico, ético, epistemológico, metodológico, heurístico e hermenêutico sobre a utilização de fontes orais em estudos sobre a experiência religiosa.

Entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro de 2024, desenvolvi a pesquisa de mestrado intitulada “Por Cristo e pela pátria”: a Igreja Católica e a ditadura militar (Joinville, 1964-1985), cujo objetivo foi compreender, sob uma perspectiva histórica, os diferentes posicionamentos assumidos por integrantes da Igreja Católica (bispo, padres, religiosas e lideranças leigas) diante da ditadura militar no contexto local. Para isso, recorri a um conjunto diversificado de documentos preservados em arquivos e instituições de memória, entre eles: a) notícias, colunas e artigos de opinião publicados pela Diocese de Joinville e/ou pela imprensa regional; b) documentos produzidos pelos órgãos de vigilância da ditadura militar sobre a atuação do clero joinvilense; c) panfletos, manifestos, atas, textos datilografados e materiais semelhantes vinculados a movimentos sociais ligados à Igreja Católica (Mira, 2024b).

Uma parte substancial da dissertação foi dedicada ao catolicismo dito progressista, sobretudo a partir da segunda metade da década de 1970, quando a Igreja Católica passou a assumir papel relevante na contestação às violações de direitos humanos e à política econômica e social do regime militar. Para tal, foi feito uso dos “documentos da repressão”, o acervo produzido pelos órgãos de vigilância e espionagem da ditadura militar a respeito da atuação de cunho social e político da Igreja Católica.

A bibliografia consultada indicava a existência de um expressivo protagonismo feminino nesse contexto, especialmente em movimentos e pastorais ligados à Igreja, tais como as Comunidades Eclesiais de Base, a Pastoral Operária e a Pastoral da Terra. Nunes (2008), por exemplo, destaca que as mulheres tiveram participação central na estratégia pastoral católica, sobretudo em áreas periféricas das grandes cidades. As Comunidades Eclesiais de Base, de modo geral, eram compostas majoritariamente por mulheres. Entretanto, tal protagonismo não

se confirmou nas fontes examinadas: as mulheres não foram mencionadas nos documentos elaborados pelos órgãos repressivos sobre a atuação pastoral contestatória da Igreja Católica em Joinville.

Diante disso, pareceu-me improvável que não houvesse presença feminina na atuação pastoral durante a ditadura militar em uma diocese que contava, à época, com um contingente de três a cinco centenas de “mulheres consagradas”. Essa percepção dialoga com as reflexões de Ana Maria Colling (2004), que argumenta que a história da repressão e da resistência durante a ditadura brasileira é narrada majoritariamente a partir de sujeitos masculinos, relegando as mulheres ao papel de coadjuvantes ou de figuras invisibilizadas. Para reconstruir o percurso da “mulher subversiva”, Colling precisou recorrer à história oral, em virtude da fragilidade e da ausência de registros sobre mulheres nos arquivos da repressão.

Minha pesquisa seguiu caminho semelhante ao da autora: as entrevistas orais, geradas segundo a metodologia da História Oral, tornaram-se fundamentais para suprir o apagamento das mulheres nos documentos escritos e/ou oficiais. Em sentido mais amplo, essa escolha metodológica também possui implicações políticas, pois a História Oral permite dar centralidade a grupos sociais que permaneceriam silenciados caso os arquivos repressivos fossem as únicas fontes consultadas.

O uso das entrevistas orais abriu, assim, uma nova vertente investigativa voltada a problematizar a atuação das religiosas católicas de Joinville durante a ditadura militar, buscando responder às questões: quais estratégias essas mulheres utilizaram para resistir à repressão e à perseguição? De que modo as transformações internas da Igreja Católica chegaram até elas e foram por elas incorporadas? Como ocorreu a transição da vida religiosa congregacional para formas de vida consagrada inseridas nos meios populares?

Para isso, utilizei a já mencionada coleção de entrevistas Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville. A opção por utilizar entrevistas já existentes, em vez de realizar novas gravações, fundamentou-se em dois aspectos principais. Primeiro, pelo que defende Verena Alberti: na história oral, assim como em qualquer prática científica, deve-se evitar o desperdício de recursos e só produzir novas entrevistas quando não houver outro tipo de fonte, incluindo entrevistas já realizadas, capaz de responder às questões de pesquisa (Alberti, 1996). Ou seja, as entrevistas da coleção atendiam de modo satisfatório aos objetivos da pesquisa, o que não justificaria mobilizar mais tempo, recursos e energia para coletar novos depoimentos.

Além disso, três outras razões reforçaram essa decisão: a) o perfil das entrevistadas desejado corresponderia a mulheres que vivenciaram as transformações da vida religiosa congregacional e a passagem para o trabalho pastoral popular em meados da década de 1970, o que implicaria, no período da pesquisa, encontrar mulheres em torno de 80 anos ou mais, possivelmente sem condições físicas ou disposição para participar de novas entrevistas; b) a natureza itinerante da vida religiosa feminina, que torna provável que muitas das religiosas atuantes em Joinville no recorte temporal tenham sido transferidas para outras regiões, dificultando sua localização; c) o contexto político tenso do país a partir do segundo semestre de 2022, marcado pelo uso revisionista e apologético da memória da ditadura militar e por disputas envolvendo religião e projetos de nação, o que poderia gerar desconforto às potenciais entrevistadas. Some-se a isso o fato de que a coleção utilizada ainda possuía grande potencial analítico, já que sua pesquisa de origem havia sido publicada apenas nos anais de um evento acadêmico (Borba; Silva, 2009), deixando espaço para novas abordagens e interpretações.

O estudo fundamentou-se nas contribuições de diversos autores do campo teórico-metodológico da História Oral. Em especial, ao lidar com entrevistas produzidas por outros pesquisadores, a legitimidade do trabalho repousa na possibilidade de explorar as subjetividades das depoentes e os sentidos que atribuem às experiências vividas, construindo análises e interpretações distintas das realizadas pelos autores originais (Borges, 2012). Essa ponderação a respeito das subjetividades e dos sentidos atribuídos toma maior fôlego quando se leva em consideração as características próprias da memória religiosa: “campo sempre mutável e de lembranças dinamizadas pela narrativa da fé, pelas trajetórias da fé, pela Palavra” (Seawright, 2023, p.100).

Também considerei particularmente pertinentes as reflexões de Alexander Freund (2013) sobre o uso de entrevistas realizadas por terceiros. O autor observa que é cada vez mais comum a produção de entrevistas orais desvinculadas de projetos específicos ou criadas com o propósito de compor acervos para uso posterior. Nesses casos, a História Oral pode funcionar como um “processo gerador de dados”, permitindo identificar padrões e recorrências entre várias entrevistas. Para Freund (2013, p. 58), “histórias orais como processos geradores de dados oferecem um rico conjunto de informações que podem e devem ser analisadas e interpretadas sob diferentes perspectivas, revelando as múltiplas camadas de significado das entrevistas”. Embora o caso aqui analisado esteja vinculado a um projeto institucional, as ideias do autor permanecem úteis para orientar a análise.

Em face do evidenciado, as reflexões desenvolvidas evidenciam que o uso de entrevistas orais produzidas por terceiros não apenas amplia o repertório documental disponível ao pesquisador, como também possibilita o acesso a vozes e experiências que dificilmente seriam captadas pelos registros escritos ditos “tradicionais”. A análise dessas fontes exigiu rigor metodológico e postura crítica atenta às condições de produção dos depoimentos, reafirmando que a História Oral, quando mobilizada de maneira eticamente responsável, oferece um campo fértil para a investigação histórica, sobretudo no que diz respeito a trajetórias individuais e coletivas frequentemente silenciadas. No caso particular deste estudo, o exame dessas entrevistas mostrou-se crucial para a compreensão das formas de vivência religiosa e de engajamento político no período da ditadura militar, como será doravante sinalizado.

A vida religiosa feminina católica

Uma temática recorrente nas entrevistas é a chamada “opção pelos pobres”. Luizita Josefina Bösing (2009), por exemplo, relatou que, ao se desligar da Congregação da Divina Providência, poderia ter sido encaminhada para Jaraguá do Sul, mas decidiu permanecer em Joinville por esta ser uma cidade maior e com maior concentração de população pobre. Atuou principalmente no loteamento Estêvão de Matos, área periférica da zona sul da cidade. Algo semelhante aparece no depoimento de Teodora Fiamoncini (2009), que recorda a ênfase na opção pelos pobres reforçada pelas diretrizes Concílio Vaticano II e descreve seu trabalho no bairro Profipo, também na periferia sul, na década de 1980, em meio às reivindicações básicas da comunidade, que carecia de serviços essenciais como água e energia elétrica.

De acordo com Löwy (2016), a “opção preferencial pelos pobres” constitui o núcleo da Teologia da Libertação, formulação consagrada pela Conferência de Puebla (1979). Essa conferência, aliás, foi mencionada por Reckziegel (2009), que narrou que, em 1979, durante a elaboração dos estatutos e do projeto de vida da recém-formada Congregação das Irmãs da Fraternidade Esperança, as religiosas se surpreenderam com a semelhança entre seus documentos e aqueles publicados em Puebla. Segundo ela, “parecia que Puebla tinha copiado de nós”, sugerindo que ideias comuns circulavam naquele momento no interior da Igreja pós-conciliar.

A dimensão da opção pelos pobres também aparece no relato de Maria Salete Wiggers (2009), que descreveu seu trabalho na Pastoral do Menor, no Jardim Paraíso, bairro escolhido por ser um dos mais carentes de Joinville e um dos principais destinos de migrantes. Ilanil

Coelho (2011) explica que o Jardim Paraíso se consolidou por meio de ocupações irregulares, loteamentos clandestinos e ausência de políticas públicas, o que contribuiu para estigmatizá-lo como espaço violento e perigoso.

No lado leste da cidade, as religiosas desenvolveram atividades no mangue do Boa Vista, sobretudo relacionadas à luta por moradia, água e terra (Kniess, 2009). Esse envolvimento da Igreja nas periferias está diretamente associado ao intenso processo migratório e ao crescimento populacional que marcaram Joinville, o que agravou problemas como o déficit habitacional e o desemprego. Uma parte da Igreja envolveu-se ativamente nessa realidade e chegou a ser acusada de usar “ideologicamente” a “questão do migrante” (Coelho, 2011; Facchini; Pedrini, 2000).

Nesse cenário, observa-se que a atuação das religiosas estava profundamente relacionada à conjuntura política e socioeconômica nacional. Em um contexto em que o trabalho pastoral popular podia ser interpretado como subversivo, Clementina Fusinato (2009) relatou as dificuldades enfrentadas pelo grupo de religiosas que participava dos fóruns sociais, entendendo essa participação como expressão da missão religiosa de estar ao lado do povo.

As restrições impostas pela ditadura também atingiram a educação e a articulação entre Igreja e movimentos sociais. Celestina Zardo (2009) narrou limitações enfrentadas como professora e como estudante universitária, enfatizando que “não se podia falar qualquer coisa”. Irma Kniess (2009), ao relatar sua transferência para Joinville na primeira metade da década de 1980, afirmou que, embora a Igreja dialogasse com associações de moradores e sindicatos, o trabalho era dificultado pela repressão, sendo necessário atuar de modo velado “porque a ditadura acabava com tudo”.

Reckziegel (2009) mencionou ainda que aquele período “foi muito difícil”, pois algumas religiosas chegaram a ter o “nome sujo” nos registros do DOPS, situação que exigiu que o grupo se protegesse mutuamente. Segundo Cubas (2014), essa solidariedade às pessoas perseguidas era uma das formas de resistência assumida pelas religiosas durante o regime autoritário.

É importante reconhecer, contudo, que a experiência da ditadura não foi vivida da mesma forma por todas. Luizita Josefina Bösing (2009), por exemplo, afirmou que não percebeu o golpe de 1964 quando ocorreu, tendo tomado consciência do regime apenas posteriormente, no final dos anos 1970, por meio de estudos. Já Irma Kniess (2009) destacou o dinamismo das CEBs e dos movimentos operários, mencionando inclusive a passagem de Luiz Inácio Lula da Silva por Joinville. Segundo ela, os contatos entre padres de Joinville e de São

Paulo contribuíram para a criação do Centro de Direitos Humanos da cidade. A presença do cardeal dom Paulo Evaristo Arns na inauguração do espaço, somada à vinda de Lula, revela conexões entre movimentos e religiosos dos dois estados e sugere a circulação de ideias semelhantes, assim como ocorreu com as pautas presentes tanto em Puebla quanto nos estatutos das Irmãs da Fraternidade Esperança. Kniess lembrou ainda que, na fundação do CDDH, as denúncias de violações de direitos humanos precisavam ser feitas com cautela devido às ameaças recebidas.

As entrevistas revelam que o engajamento das religiosas em pautas políticas e sociais, tais como a luta por moradia, direitos trabalhistas e justiça social, derivou diretamente da natureza da vida religiosa inserida. Essa leitura está alinhada ao que afirma Nunes (2008): a história da vida religiosa feminina no Brasil é marcada não apenas por submissão, mas também por criatividade e transgressão.

Assim, ainda que algumas religiosas tenham atuado em movimentos sociais, sindicatos ou partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores, essa participação deve ser compreendida como extensão da missão da vida religiosa ativa, voltada às necessidades da população mais vulnerável. Os percursos e prioridades variaram entre elas, conforme o espaço e as demandas locais. Um exemplo ilustrativo é o caso do PT: como relatou Irma Kniess (2009), muitos dos agentes envolvidos em sua formação eram os mesmos que atuavam em iniciativas eclesiais, o que reforça que essa articulação política se vinculava à vivência pastoral e aos desdobramentos do Concílio Vaticano II.

Diante disso, o conjunto de sete religiosas entrevistadas representa um caso significativo para compreender como processos nacionais e internacionais internos à Igreja Católica e ligados ao contexto político-econômico foram reinterpretados e aplicados por mulheres religiosas em Santa Catarina.

Como aponta Caroline Jaques Cubas (2014), mesmo sem discursar publicamente contra o regime ou subir em púlpitos, as religiosas exerceram resistência por meio de “ousadias pedagógicas, do acolhimento de perseguidos políticos, do encaminhamento de denúncias e da abertura de espaços para seminários e reuniões”. Assim, a atuação junto às populações periféricas pode ser lida como uma forma de resistência ao regime. Em um contexto de repressão que atingia membros da própria Igreja, essas mulheres optaram deliberadamente por viver inseridas entre os pobres, assumindo práticas sociais consideradas subversivas. Isso não configura, afinal, um uso político do espaço religioso que lhes foi confiado?

Considerações finais

O texto teve como propósito apresentar um relato de experiência sobre o uso de entrevistas orais produzidas por terceiros, fundamentadas na metodologia da História Oral. Buscou-se refletir sobre as possibilidades e potencialidades dessa escolha metodológica, reconhecendo também seus desafios e limitações. Para isso, descreveu-se a experiência de utilização de fontes orais preservadas no acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville (LHO/UNIVILLE), mobilizadas em um projeto de pesquisa de mestrado em História que, embora delas tenha se valido, não foi responsável pela produção das entrevistas empregadas ao longo da investigação. Em especial, foram utilizadas entrevistas elaboradas dentro do gênero narrativo da História Oral de vida, apoiadas na memória das depoentes e centradas em aspectos selecionados de suas trajetórias.

Como resultado, o texto apresentou o conjunto de referenciais conceituais e teórico-metodológicos adotados na análise dessas fontes orais, refletindo sobre as implicações que o uso de entrevistas produzidas por outros pesquisadores traz para a pesquisa histórica e para a escrita historiográfica, discussão que dialoga com contribuições de autores consagrados no campo da História Oral.

Os relatos das sete religiosas entrevistadas na coleção *Da clausura às ruas*: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville é pertinente, uma vez que por meio deles pode-se apreender de que forma as repercussões das mudanças no interior da Igreja Católica foram lidas, interpretadas, apropriadas e cotidianas praticadas por religiosas catarinenses durante a vigência contexto político e socioeconômico da ditadura militar. Cada uma delas, do seu próprio modo, é uma evidência de uma conjuntura maior de transformações na Igreja Católica e de seus impactos na vida religiosa feminina em Santa Catarina.

O estudo das experiências de vida das religiosas analisadas revelou nuances essenciais para entender a atuação religiosa feminina católica no interior da Igreja Católica durante a ditadura militar. As fontes orais consultadas demonstram que essas mulheres não foram meras coadjuvantes, mas protagonistas de processos de resistência, atuação pastoral e interpretação própria das diretrizes eclesiais na esteira do Concílio Vaticano II. Suas trajetórias deixam evidente que as transformações institucionais da Igreja foram apropriadas de forma ativa e criativa, resultando em práticas de inserção popular que dialogavam, ao mesmo tempo, com os imperativos sociais e com os riscos impostos pela repressão política. Nesse sentido, as fontes orais são um meio privilegiado para acessar a complexidade dessa experiência e analisar as

dimensões da vida religiosa feminina que permaneceram ausentes dos arquivos oficiais da comunidade de informações da ditadura militar.

Referências

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. *In: II Seminário de História Oral*. Ouvir e narrar: métodos e práticas do trabalho com História Oral. Belo Horizonte, UFMG, 1996.

BORBA, Fernanda Mara; SILVA, Janine Gomes da. Mudança(s) de hábito(s): a participação das mulheres religiosas nos movimentos sociais em Joinville. *In: VI Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar*. Maringá, 2009.

BORGES, Viviane Trindade. As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente. *Diálogos*, Maringá, v. 16, n. 2, p.663-676, maio/ago., 2012.

BÖSING, Luizita Josefina. **Luizita Josefina Bösing**: entrevista oral [01º set. 2009, Joinville]. Entrevistadora: Fernanda Mara Borba. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2009.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora da Univille, 2011.

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. *In: CONGRESSO LUSO AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 8., 2004, Coimbra. **Anais** [...]. Coimbra: Centro de Estudos Sociais/FE/Universidade de Coimbra, 2004.

CUBAS, Caroline Jaques. **Do hábito ao ato**: vida religiosa feminina ativa no Brasil (1960-1985). 2014. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

FACCHINI, Luiz; PEDRINI, Irmã Dalila. **CEBS: 25 anos de caminhada na Paróquia Cristo Ressuscitado**. Joinville: Movimento e Arte, 2000.

FIAMONCINI, Teodora. **Teodora Fiamoncini**: entrevista oral [04 ago. 2009, Joinville]. Entrevistadora: Fernanda Mara Borba. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2009.

FREUND, Alexander. História Oral como processo gerador de dados. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, p. 28-62, 2013.

- FUSINATO, Clementina. **Clementina Fusinato**: entrevista oral [14 set. 2009, Joinville]. Entrevistadora: Fernanda Mara Borba. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2009.
- KNIESS, Irma. **Irma Kniess**: entrevista oral [03 set. 2009, Joinville]. Entrevistadora: Fernanda Mara Borba. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2009.
- LÖWY, Michael. O Cristianismo da libertação na América Latina. In: LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação**: religião e política na América Latina. São Paulo: Expressão Popular, 2016. p.73-140.
- MIRA, Vinícius José. A experiência da vida religiosa feminina inserida no ocaso da ditadura militar. In: **Anais do V Seminário Internacional História do Tempo Presente - Epistemologias do Sul global**. Florianópolis, 2024a.
- MIRA, Vinícius José. “**Por Cristo e pela pátria**”: a Igreja Católica e a ditadura militar (Joinville, 1964-1985). 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2024b.
- MIRA, Vinícius José. O uso de entrevistas orais produzidas por terceiros: um relato de experiência. In: **Anais do XVII Encontro Nacional de História Oral – Trajetórias, movimentos e perspectivas**. Joinville, 2024c.
- NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.482-509.
- SEAWRIGHT, Leandro. História oral e memórias religiosas no tempo presente. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v.16, n.46, p.91-114, maio/set, 2023.
- RECKZIEGEL, Agatha Anna. **Anna Agatha Reckziegel**: entrevista oral [19 ago. 2009, Joinville]. Entrevistadora: Fernanda Mara Borba. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2009.
- WIGGERS, Maria Salete. **Maria Salete Wiggers**: entrevista oral [10 ago. 2009, Joinville]. Entrevistadora: Fernanda Mara Borba. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2009.

ZARDO, Celestina. **Celestina Zardo**: entrevista oral [06 out. 2009, Joinville]. Entrevistadora: Fernanda Mara Borba. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Da clausura às ruas: a presença das mulheres religiosas nos meios populares de Joinville. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2009.